Revista UBC

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA
DE COMPOSITORES
#16 / MARÇO DE 2013

+ ARMANDO PITTIGLIANI, HERBERT LUCENA, LUIZ CALDAS, KARINA ZEVIANI, RITA LEE, UAKTI, TOM JOBIM

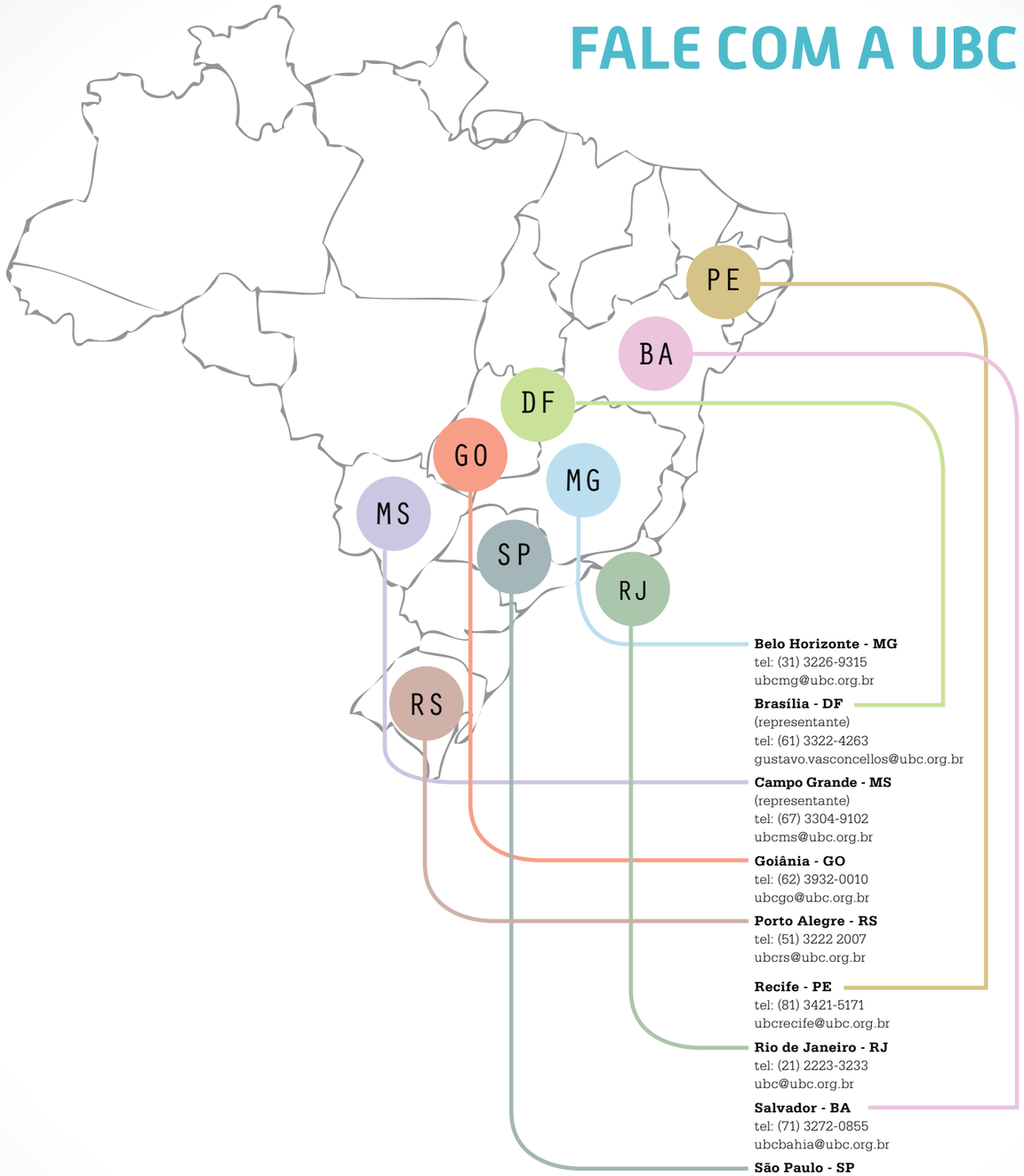
UM NOVO CAPÍTULO

POR QUE A CLASSE C E A PRODUÇÃO REGIONAL MANTÊM AS MÚSICAS TOCADAS NAS TRAMAS ENTRE AS MAIS EXECUTADAS

E TAMBÉM: SAIBA COMO OS PRODUTORES ESCOLHEM OS PRÓXIMOS 'HITS'

ISSN 2176153-1
9 772176 153002

FALE COM A UBC



Belo Horizonte - MG
tel: (31) 3226-9315
ubcmg@ubc.org.br

Brasília - DF
(representante)
tel: (61) 3322-4263
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br

Campo Grande - MS
(representante)
tel: (67) 3304-9102
ubcms@ubc.org.br

Goiânia - GO
tel: (62) 3932-0010
ubcgo@ubc.org.br

Porto Alegre - RS
tel: (51) 3222 2007
ubcrs@ubc.org.br

Recife - PE
tel: (81) 3421-5171
ubcrecife@ubc.org.br

Rio de Janeiro - RJ
tel: (21) 2223-3233
ubc@ubc.org.br

Salvador - BA
tel: (71) 3272-0855
ubcbahia@ubc.org.br

São Paulo - SP
tel: (11) 3326-3574
ubcsp@ubc.org.br

www.twitter.com/UBCMusic
www.twitter.com/RevistaUBC
www.facebook.com/UBCMusica

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES
#16 : MARÇO DE 2013

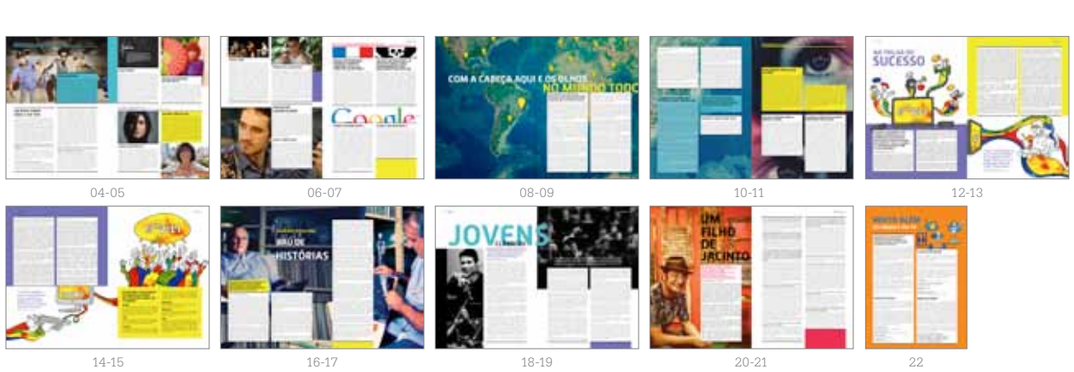
EDITORIAL

O calendário é uma convenção mas, quando um ano se foi e outro começa, é bom recompor as forças, fechar o balanço do que foi feito e preparar as mãos e o pensamento para as tarefas que se anunciam.

Somos uma casa da música e dos autores. Por isso, em 2013, a UBC prosseguirá em seu trabalho de defender os direitos autorais dos criadores.

Há 70 anos esse é o nosso ofício.

Fernando Brant



04-05 06-07 08-09 10-11 12-13
14-15 16-17 18-19 20-21 22

ÍNDICE

04 : NOVIDADES NACIONAIS
05 : **LANÇAMENTOS**
07 : NOVIDADES INTERNACIONAIS
08 : UBC NO **MUNDO**
11 : FIQUE DE OLHO
12 : CAPA: **MÚSICA DE NOVELA**
16 : **ARMANDO PITTIGLIANI**
18 : MÚSICA CLÁSSICA: **NOVA GERAÇÃO**
20 : ENTREVISTA: **HERBERT LUCENA**
22 : DISTRIBUIÇÃO

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Aloysio Reis, José Antônio Perdomo, Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editor:** Alessandro Soler (MTB 26293) / **Capa:** Arte de Emílio Rangel / **Colaboraram nesta edição:** Bruno Albertim, Lauro Barbosa, Leonardo Faria, Leonardo Lichote e Marco Antonio Cavalcanti / **Tiragem:** 5.300 exemplares / Distribuição gratuita

UBC União Brasileira de Compositores

NOVIDADES NACIONAIS

TRIBO DE NAYAH

De Niterói (RJ), vem uma das mais interessantes e promissoras bandas de reggae do país. O Nayah, formado em 1998 com o nome de Nayah Bing (algo como "alma de tambor" no dialeto crioulo da Jamaica), já tem três discos lançados e apresenta novas formação e ideias para estourar de vez este ano. Em 2012, eles abriram, em sequência, shows de Planet Hemp, Charlie Brown e Ponto de Equilíbrio, dividiram o palco com os rappers Projota e Marechal e protagonizaram o réveillon na Praia de Icaraí, em Niterói. Agora estão em estúdio gravando o quarto álbum, com produção do baixista Arthur Maia e colaboração de Buno Levinson, produtor do festival independente carioca Humaitá Pra Peixe. E já tem amostra do primeiro single, "A Vida Não Pode Ser Pela Metade", na rede.

TOM ETERNO

A obra imortal do saudoso maestro Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim acaba de ganhar mais um espaço virtual de preservação. No último dia 25 de janeiro, quando Tom completaria 86 anos, o Instituto Tom Jobim, que cuida do seu acervo e é mantido pela família, inaugurou um hotsite (portal.jobim.org/jobim) no qual é possível navegar por uma espécie de linha do tempo com fatos, fotos e curiosidades relacionadas a um dos maiores músicos da história do Brasil. Parte da obra musical do compositor está lá e pode ser apreciada - são mais de 250 arquivos de áudio e vídeo, além de 1.200 partituras disponíveis para consulta. Muitas das imagens são raras, fruto da extensa pesquisa dos responsáveis pelo instituto em meio ao arquivo deixado por Tom. O site da instituição também hospeda parte da obra de grandes nomes como Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Paulo Moura e Dorival Caymmi.

Roberto de Carvalho

UBC NO ANIVERSÁRIO DE SÃO PAULO

Nossos artistas deram show no último dia 25 de janeiro, durante as comemorações pelos 459 anos da cidade de São Paulo. Uma superfesta no Vale do Anhangabaú foi capitaneada por algumas das nossas estrelas, como Rita Lee (foto), Arnaldo Antunes, Curumin e Zélia Duncan, líder de uma homenagem a Itamar Assumpção, um dos artífices do movimento Vanguarda Paulista, que sacudiu a cena da cidade nos anos 1980 e morreu há dez anos. Como nossos artistas, também parabenizamos São Paulo pelos quase cinco séculos como um dos emblemas do nosso país.

UM NOVO TEMPO PARA A TOP TAPE

Uma das editoras mais emblemáticas da nossa música está em nova fase. Com um acervo de quase duas mil obras de centenas de compositores, a editora, agora sob direção de Bonne Rozenblit, filho do seu fundador, Salo Rozenblit, planeja um salto para a rede, onde promete implementar diversas ações de marketing para a divulgação do seu catálogo, assim como na TV, onde quer aprofundar parcerias com programas. Outro dos eixos de expansão, como conta Bonne à Revista UBC, é o investimento em novos talentos, a fim de ampliar o catálogo e também promover novas versões de pérolas do naipe de "Lenda das Sereias - Rainha do Mar", "É Hoje", "O Amanhã", "Bum Bum Paticumbum Prugurundum", "Malandro é Malandro, Mané é Mané", "Maria Sapatão" e "Domingo Eu Vou ao Maracanã".

Revista UBC: Como manter uma editora musical num momento tão particular como esse que vivemos na era digital?
BONNE: Uma editora musical é muito valorizada, hoje em dia. Com a mudança do mercado, a questão dos direitos autorais ganha força. A realidade da distribuição de conteúdo mudou, com menos CDs e DVDs. Por isso entramos protegendo os direitos dos criadores. O que pudermos fazer para protegê-los faremos.

Que planos específicos têm para isso?
A parceria com a UBC é um grande negócio, um grande passo. Queremos criar links e ajudar o Ecad a fiscalizar onde está sendo veiculada a obra dos nossos compositores. Quanto mais ajuda tivermos, melhor. É virtualmente impossível saber quem está veiculando as músicas. A ideia é pensar juntos uma cadeia de controle. Com o Google, por exemplo, sabemos onde os artistas vão fazer shows. Então estudamos investir num sistema de alertas para a fiscalização. O Neguinho da Beija-Flor, por exemplo, que é nosso artista, temos como saber, com base em onde ele se apresentará, quanto tem de ser arrecadado. Todos ganhamos. Queremos criar versões, parcerias. Temos muitos sambas de enredo antigos. Pensamos em estimular versões. Contatamos o Thiago Thomé, que é sambista e faz samba-funk, que cria novas versões, misturadas a house e outros estilos. O samba, maioria no nosso catálogo, é um gênero muito particular do nosso país. Vamos investir em linguagens para poder criar identificação em outros lugares com a nossa música. Além disso, pensamos em campanhas de marketing para bombar nossas músicas na Copa e nas Olimpíadas. Temos muitas que falam de esportes, carnaval, Maracanã... Seria uma excelente oportunidade usar isso nesses grandes eventos. "É hoje", por exemplo, conseguimos colocar na cerimônia de encerramento das Paraolimpíadas de Londres. Podemos ganhar um mercado, uma nova visibilidade, com isso.

Como convencer um novo criador a se filiar a uma editora, num período em que o artista-operário é capaz de fazer quase tudo sozinho?
Temos parcerias nas rádios, em gravadoras, em entradas em programas de TV. Essa visibilidade que podemos oferecer é um chamariz. Agora vamos focar muito no investimento em internet, na divulgação pela rede, na captação de talentos. Lançar CD, DVD ou Blu-Ray tem custos. Mas a internet permite uma visibilidade quase ilimitada e com investimento muito menor. Não adianta, porém, ter só um bom produto se o artista não tiver nome, não tiver aceitação. Daí a ideia de usar a rede para divulgar gente e obras em que acreditamos e, assim, conquistar novos mercados.

LANÇAMENTOS

Daryan Dornelles

AMOR COSMOPOLITA

Depois de seis anos viajando pelo mundo e tocando com bandas como Thievery Corporation e Nouvelle Vague, a paulista Karina Zeviani, de volta ao país, lança seu primeiro disco solo, "Amor inventado". Numa linha pop recheada de referências variadas, do fado à música circense, o disco já chama a atenção da crítica especializada. As gravações foram feitas no eixo Nova York-São Paulo-Salvador, o que reflete o cosmopolitismo e o experimentalismo de Karina, que chama de "quase infantil" sua pegada. A produção é dela própria, que foi estimulada pelo líder do francês Nouvelle Vague, Marc Collin, a meter a mão na massa em todas as etapas da produção. Sábio conselho.

UM ANO TODO DE AXÉ

No ano em que completa cinco décadas de vida, o precursor da axé music Luiz Caldas investe num projeto que pretende, a um só tempo, fazer um passeio por uma carreira recheada de hits, como "Tieta", "Nega do Cabelo Duro" e "Fricote", e mostrar ao público as novas sonoridades que anda pesquisando. O primeiro dos 12 discos (um por mês) que o baiano promete lançar este ano, "Apopod'lé", é um trabalho composto por dez músicas que fazem uma incursão no mundo da percussão brasileira com ênfase nas suas raízes africanas. Mês passado foi a vez de "Viva a Guitarra Baiana", homenagem carinhosa ao movimento "pré-axé" dos anos 1980, de que Caldas foi um dos maiores expoentes. "Em março, abril e demais meses, esperem as muitas novidades", disse Luiz Caldas.

Jefferson Oliveira

PUROS SONS

No folclore dos índios Tukano, do Alto Rio Negro, Uakti é uma semidivindade, o espírito de um homem que violava as mulheres e, na cabeça, tinha buracos pelos quais o vento passava, produzindo sons lúgubres. No lugar onde foi enterrado, nasceram palmeiras usadas para produzir instrumentos musicais diversos cujos sons roubam a pureza das mulheres que os ouvem. E aí entra o trio Urakti, surgido há 35 anos em Belo Horizonte, para subverter a lenda. Os sons produzidos por eles, em instrumentos impossíveis, sofisticadíssimos e originais, extremamente variados, evocam pureza, beleza. Os arranjos e a plasticidade da construção das músicas tornaram a banda referência internacional – e, numa brincadeira com a repercussão do seu trabalho fora do país, eles lançaram no fim do ano passado um disco, seu 12º na carreira, que homenageia um dos maiores ícones da música pop estrangeira, os Beatles. As 16 músicas de "Uakti Beatles" são releituras de clássicos do quarteto inglês, como "Lucy In The Sky With Diamonds", "Eleanor Rigby", "Dig a Pony" e "Come together". Desde novembro, quando o álbum foi lançado no Palácio das Artes de BH, eles o têm apresentado numa série de shows.

Carlos Nakanish

SAMBA SEM COMPLEXOS

Um passeio elegante e ensolarado pelo samba e suas inúmeras vertentes, sem complexos. Um amálgama de bambas como João Donato, Francis Hime e Moacyr Luz. Uma resposta aos "Tristes trópicos" do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Assim é o quinto álbum do cantor e compositor carioca Augusto Martins, que, em "Felizes Trópicos", celebra a parceria com a Orquestra Criôla, do maestro Humberto Araújo. "Humberto tem um olhar universal, mas, em paradoxo, extremamente brasileiro. Fiquei boquiaberto", contou Augusto, que assinou duas músicas do disco com João Donato, uma com a atriz e cantora Thalma de Freitas e uma com Joyce, entre outros parceiros. Das 12 músicas, 11 são inéditas e incluem composições solo. "Donato fez parte de três dos meus cinco discos, um privilégio", disse o carioca, que teve ainda Paulinho Moska participando de uma das faixas, "Vai Por Mim". O disco, do selo Fina Flor, já está à venda em todo o país.

VIAGEM NO LIQUIDIFICADOR

Enquanto ainda colhe elogios pelo seu mais recente álbum, "Eu Preciso de Um Liquidificador", e já reúne ideias para o próximo, o Graveola e o Lixo Polifônico, big band mineira que investe num som dançante, de pegada pop e raízes brasileiras, também faz barulho na rede. Lançado há pouco mais de um mês, o clipe da faixa "Babulina's Trip", presente no disco, já tem dezenas de milhares de visualizações no YouTube, com uma imensa maioria de comentários positivos. Concebido pelos também mineiros da produtora Apiário, o vídeo é uma deliciosa colagem de referências pop de várias épocas e de vários países, que veste perfeitamente a música que cita o sambalanço de Ben Jor e pede mais mobilidade e amabilidade pelo mundo.

COM A CORDA TODA

Um dos mais elogiados violonistas em atividade, o carioca André Trindade (foto) lança seu primeiro disco, "Sobre o Mar Azul", apostando forte num trabalho autoral. Das 11 músicas, sete são composições dele; três, do compositor e violonista Nonato Luiz; e a outra, uma parceria de Abel Silva, pai dele, com Sueli Costa. André tem influências que vão da música clássica – Villa-Lobos e Bach, sobretudo, dois dos compositores mais tocados por André – aos diversos estilos da música popular brasileira, como baião e samba. Com participação de Diego Zangado (percussão), Fernando Silva e Rômulo Gomes (contrabaixo), Vitor Gonçalves (acordeão), Victor Somma (flauta) e Nonato Luiz (violão), o trabalho será apresentado num show no próximo dia 2 de maio, no Teatro Maria Clara Machado, no Rio de Janeiro.

NOVIDADES INTERNACIONAIS

ÓRGÃO ANTIPIRATARIA FRANCÊS: AUMENTA CONSUMO LEGAL DE ARQUIVOS NA INTERNET

A francesa Alta Autoridade Para a Difusão das Obras e a Proteção dos Direitos na Internet (Hadopi, na sigla em francês) publicou dados sobre seu desempenho em 2012, ano em que foi implantado um sistema de alertas enviados a quem descarrega conteúdos piratas na rede. De acordo com o órgão governamental daquele país, mais de 613 mil alertas foram enviados a supostos infratores via e-mail, além de 54.700 advertências por correio. Diante dos cada vez mais constantes questionamentos entre políticos e sociedade civil acerca da eficácia do departamento antipirataria, a Hadopi também difundiu dados de uma pesquisa segundo a qual 20% dos usuários da internet franceses descarregavam arquivos ilegais em 2011, número que se reduziu para 15% ano passado. Além disso, 78% disseram só usar conteúdos digitais de serviços licenciados em 2012, contra 71% no ano anterior. A maior alegação dos usuários é o desejo de "manter-se dentro da lei", segundo a Hadopi. A informação é do site Aliado Digital.

GRUPOS ANTIPIRATARIA JÁ ATACAM O MEGA, NOVO EMPREENDIMENTO DO MEGAPIRATA KIM DOTCOM

O megapirata Kim Dotcom, criador do extinto portal de troca de arquivos MegaUpload e, em janeiro, de um novo serviço similar, o Mega, já é alvo de grupos antipirataria. Os australianos do StopFileLockers pressionam o serviço de pagamentos internacional on-line PayPal para que sejam congeladas as contas dos processadores de pagamentos do Mega, incluindo as firmas Instra, Digiweb e EuroDNS. "Não vamos atrás de serviços legítimos como Dropbox. O Mega, desde a sua concepção, nunca pretendeu ser um serviço de armazenamento legítimo na nuvem, mas, ao contrário, conta com todas as características para ser um serviço de compartilhamento ilegal", atacou Robert King, diretor da ONG australiana. De acordo com especialistas em direito na web, porém, os termos de uso do Mega em nada diferem dos de sites considerados "legalistas", como o Dropbox. Desta forma, dificilmente o PayPal poderá, sem uma decisão judicial, interromper os pagamentos que os usuários fizerem ao Mega sob a alegação de infringirem a legislação antipirataria. A informação é do site Music Ally.

Google™

GOOGLE NA BERLINDA 1

O Midem, maior encontro musical de empreendedores ligados à indústria da música, que ocorreu no balneário francês de Cannes, em janeiro, teve, mais uma vez, inúmeras críticas ao Google e à sua prática de fornecer, nos resultados de buscas, inúmeros sites que distribuem conteúdos ilegais. Paul McGuinness, o empresário da banda irlandesa U2, que, na edição do ano passado, havia feito uma das mais contundentes críticas ao buscador, voltou a atacá-lo. "Existe uma sensação de inconformidade com o Google no mundo todo", ele disse. "O Google tem se pronunciado sobre restringir os sites ilegais. Os anúncios são alentadores. Mas eu gostaria de ver mais ação. Simples assim." O empresário disse ainda haver uma sensação de "intranquilidade" com a empresa. Também participante do painel em que McGuinness falava, o diretor do serviço de streaming Deezer, Axel Dauchez, igualmente atacou o Google ao denunciar a concorrência desleal que o megaconglomerado americano, proprietário do YouTube, faz com serviços alternativos com o seu. E foi além: "A palavra-chave é discriminação. Sou um competidor do YouTube? Deveria receber o mesmo tratamento do YouTube? É claro que sim. Mas, quando negocio com sociedades arrecadadoras e editorias, não posso pedir o mesmo tratamento que o YouTube recebe."

GOOGLE NA BERLINDA 2

O Bundestag, o parlamento alemão, reenviou para "mais análises" um projeto de lei que obriga o Google a pagar às empresas de comunicação pelo conteúdo delas que disponibiliza no seu mecanismo de buscas. Em novembro do ano passado, o projeto chegou a entrar na pauta de votações em plenário, mas, segundo analistas, por pressão do Google e de outros buscadores sobre grupos parlamentares, teve a votação adiada. Em agosto, a Alemanha já havia determinado que os sites de busca pagassem pela exibição de manchetes de jornais e sites em seus serviços de compilação de notícias. A iniciativa vai na esteira de discussões similares que ocorrem em países como Austrália e Bélgica. No Brasil, grande parte dos grandes grupos de mídia tentou negociar com o Google para receber pela difusão das suas notícias. Como não houve acordo, as empresas decidiram vetar a exibição dos seus conteúdos no serviço Google Notícias.

COM A CABEÇA AQUI E OS OLHOS NO MUNDO TODO

Nina Taddei

INVESTIMENTO EM TECNOLOGIA E AMPLIAÇÃO DA ATUAÇÃO INTERNACIONAL SÃO AS APOSTAS DA UBC PARA GARANTIR A ARRECADAÇÃO DOS SEUS ASSOCIADOS

As transformações na indústria da música e os desafios impostos aos direitos autorais pelo avanço tecnológico obrigam a União Brasileira de Compositores (UBC) a buscar, constantemente, novas maneiras de garantir a remuneração justa de seus autores. As ferramentas de controle do direito autoral precisam acompanhar as novas modalidades de oferta de música, como o serviço de streaming (quando o usuário ouve uma música armazenada num servidor na internet, mas não a descarrega) ou a venda por meio de lojas virtuais como a iTunes Store, da Apple.

Historicamente, as sociedades de direito autoral sempre se dedicaram a cuidar da gestão da execução pública das músicas (rádio, TV e shows, por exemplo). Os direitos fonomecânicos, que são os relativos à distribuição de cópias das obras gravadas, ficavam a cargo das gravadoras e editoras dos artistas e autores. Mas em 2009 a UBC inovou ao criar um departamento para gerir também esses direitos. E por que, exatamente no momento em que a arrecadação com a venda de discos caminhava ladeira abaixo, a UBC resolveu entrar na área?

Segundo nossa diretora-executiva, Marisa Gandelman, duas razões motivaram a decisão: por um lado, novas formas de comercialização, como a descarga paga e legal de músicas, e os serviços de streaming estavam crescendo. De outro, verifica-se uma multiplicação de gravadoras e artistas independentes, sem interesse de manter uma estrutura própria capaz de gerenciar os direitos fonomecânicos. Com seus 70 anos de experiência, a organização estava preparada para um novo salto.

"Houve uma mudança muito grande no mercado. O próprio conceito de reprodução sofreu uma transformação radical ao longo dos anos, quando passou a incluir o armazenamento em bases dados. Uma organização como a UBC deveria ser capaz de gerir todos os tipos de direito. Ao mesmo tempo, houve o crescimento do mercado independente de editoras sem condição de lidar com tantos usuários, como produtores de filme, provedores de serviços digitais, e por isso precisam da atuação da sociedade de gestão coletiva. A UBC passou a ter uma ação para além do Ecad (Escritório Central de Arrecadação do Direito Autoral), atuando também no licenciamento e no recolhimento das remunerações por esses novos usos", explica Marisa.

Para remunerar adequadamente os autores no ecossistema digital, uma organização precisa ter grande capacidade de processamento de dados. Isso porque os relatórios de vendas e execuções (no caso dos serviços de streaming) são produzidos em uma linguagem específica, sendo a mais usada a DDEX. É preciso, portanto, que o sistema da UBC seja capaz de ler e compreender os relatórios de vendas fornecidos por empresas que atuam na oferta de música digital.

O sistema funciona assim: uma empresa como a Apple, dona da iTunes Store, por exemplo, informa, através de um relatório escrito na linguagem DDEX, as vendas das músicas oferecidas na sua loja virtual. Cabe à UBC "casar" esse relatório com o seu próprio banco de dados e, depois, enviar para a empresa uma cobrança relativa aos autores, editores e sociedades estrangeiras que representa. Por enquanto, os valores movimentados ainda são pequenos, mas a tendência é de crescimento.

Toda essa operação exige uma grande infraestrutura de tecnologia, que a UBC já possui. Contudo, as dificuldades não terminam aí. Nem todos os serviços de comércio de música digital e de streaming usam a linguagem DDEX, e não há um padrão. O grande desafio, para uma sociedade de direitos autorais, é se manter atualizada com as principais formas de controle e cobrança, de modo a transformar isso em remuneração aos seus compositores. Dominar essa tecnologia também abriu portas para a UBC no exterior, afirma Marisa.

"Hoje, a eficiência de quem trabalha com direitos autorais é medida, entre outras coisas, pelo tempo que demora para 'ler' esses relatórios e transformá-los em resultados. Com a criação do departamento de direitos fonomecânicos, temos um ramo de atividade em que somos autônomos. Essa experiência permitiu que ampliássemos a relação que tínhamos com as sociedades europeias. Somos os representantes da sociedade alemã no Brasil, tanto no ramo de execução pública quanto de fonomecânicos, por exemplo. As portas foram abertas para estarmos no coração das

preocupações da gestão coletiva de direitos no mundo", diz a diretora-executiva.

Uma iniciativa internacional no universo da música digital de que a UBC faz parte é o Global Repertoire Database (GRD). O GRD será um banco de dados mundial do repertório musical. Um projeto ambicioso que pretende catalogar todas as músicas e as informações sobre seus direitos autorais. A proposta facilita o funcionamento de serviços legais de comercialização de música na internet, pois torna possível identificar rapidamente quem é o titular dos direitos da música, ou seu representante em cada território. Além das sociedades de direito autoral, participam da iniciativa empresas como Google, Apple, EMI Music Publishing e Universal Music Publishing, entre outras. O GRD ainda está em desenvolvimento, mas a criação do projeto em 2009 resulta de debates da Comissão Europeia com a indústria da música. Na visão do organismo europeu, a criação desse banco de dados é vital para o desenvolvimento e a sustentabilidade do ecossistema digital.

A entrada da UBC no projeto ocorreu em março de 2011, através da Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores (CISAC). A confederação reúne cerca de 230 associações de todos os tipos de repertório: musical, audiovisual e visual. Sua história se confunde com o desenvolvimento e o fortalecimento do direito autoral no mundo. É a partir do final do século XIX que as sociedades que existem hoje começaram a nascer. Com a necessidade de uma integração maior entre elas, tanto do ponto de vista da remuneração dos autores quanto da própria atuação política, nasceu a CISAC.

A União Brasileira de Compositores faz parte da diretoria da confederação desde 2010. Por isso, o Rio de Janeiro sediou em dezembro passado a reunião do conselho diretivo. A UBC é uma das sociedades de música representadas no conselho diretivo da entidade, e a ocupação desse cargo é importante para nos inserir no centro das decisões políticas sobre direito autoral no mundo. Ao mesmo tempo, é uma forma de fortalecer as relações entre o Brasil e as sociedades estrangeiras. O país é, muitas vezes, visto com desconfiança por ter uma estrutura complexa de múltiplas organizações atuando na mesma área da execução pública musical, considerada confusa. Marisa, entretanto, garante que, após a experiência com a UBC, os estrangeiros estão entendendo que o Brasil "é uma confusão organizada".

A UNIÃO FAZ A FORÇA DOS AUTORES LATINO-AMERICANOS

A tônica da reunião da Aliança Latino-Americana de Compositores e Autores de Música (Alcam), realizada em janeiro, em Quito, foram os desafios impostos pela internet e os riscos aos direitos dos autores. É o que conta o titular da União Brasileira de Compositores (UBC) e membro do Conselho Autoral, o produtor mineiro Geraldo Vianna: as preocupações dos artistas brasileiros são compartilhadas pelos colegas de outros países, como Chile, México, Uruguai, Paraguai e Equador.

Segundo Vianna, é preciso avançar na criação de uma consciência dos compositores sobre a importância de seus direitos. Na sua opinião, não se pode abrir mão deles em nome da divulgação do seu trabalho nas plataformas digitais. "O pior mal é aquele que aparenta ser bom", afirma ele, sobre as promessas de sucesso associadas na rede à distribuição gratuita de conteúdos criativos. Sobre as tentativas de reforma da lei do direito autoral no Brasil, o produtor é categórico:

"Não acredito muito em conversa e discurso bem elaborado. Conheço a realidade em torno de mim, os problemas de autores e compositores de modo geral. Há certas coisas que são iguais desde o século XIX."

Cada país, explica Vianna, tem suas leis específicas e suas dificuldades internas quanto ao direito autoral, mas na reunião ficou claro que é preciso uma união de todos para proteger os criadores. O início do processo depende de iniciativas individuais, mas é preciso articulá-las para que o movimento ganhe fôlego e musculatura nas esferas políticas e legislativas.

"Não se caminha sozinho neste mundo atual, em que toda ação tem uma reação em algum lugar. É muito importante a gente aprender a conviver com as diferenças, sem perder de vista o objetivo comum que é o respeito ao direito do autor" afirma Vianna.

A participação na Alcam reforça a atuação internacional da UBC e sua meta de marcar presença nos principais fóruns de autores no mundo, algo essencial para garantir os seus direitos, compositor.

"NÃO SE CAMINHA SOZINHO NESTE MUNDO ATUAL, EM QUE TODA AÇÃO TEM UMA REAÇÃO EM ALGUM LUGAR. É MUITO IMPORTANTE A GENTE APRENDER A CONVIVER COM AS DIFERENÇAS."

Geraldo Vianna,
produtor e membro do conselho autoral da UBC

UM NOVO CANAL PARA VOCÊ

A Aliança Latino-Americana de Autores e Compositores (Alcam) lança, no dia 11 de março, um novo canal para a divulgação de concursos, festivais e notícias sobre os direitos autorais em âmbito continental. Em www.alcamusica.com será possível, ainda, saber como proteger sua obra, bem como deixar comentários e buscar informações sobre o mercado. Acesse e integre-se à comunidade musical latino-americana.

FIQUE DE OLHO

ECAD OBTÉM CERTIFICAÇÃO DO IBOPE

O Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) obteve, no fim do ano passado, a certificação do Ibope para sua metodologia de amostragem de rádios AM e FM, que contabiliza a quantidade de execuções musicais entre as rádios em dia com o pagamento do direito autoral. O processo de certificação da amostra e do processo amostral do segmento de rádio foi feito com o Ibope Inteligência, instituto especializado em estudos qualitativos e quantitativos nas áreas de opinião pública, política e mercados. O Ibope avaliou e certificou a metodologia aplicada no processo de definição das amostras regionais, seleção das rádios e definição da amostra de 200 mil execuções musicais por trimestre utilizada para pagamento dos direitos autorais das execuções musicais no segmento de rádio. A certificação comprova que a metodologia praticada pelo Ecad é uma forma justa e correta de retribuição aos artistas que têm suas músicas executadas nas rádios, reforçando o compromisso do escritório central em remunerar, de forma cada vez mais precisa, os titulares de música.

Considerando a enorme quantidade e diversidade de emissoras de rádio AM e FM pelo Brasil, o Ecad utiliza o critério da amostragem estatística das execuções musicais. Esse critério é comum em vários países e só considera as emissoras adimplentes, isto é, as que pagam direitos autorais. As músicas quecompõem a amostragem de cerca de 200 mil execuções são captadas em gravações realizadas por meio do Ecad.Tec CIA Rádio, sistema próprio que realiza a captação direta da programação e identificação automática das músicas executadas, além de planilhas de programação musical enviadas pelas emissoras.

Fonte: Ecad

UM NOVO PRÊMIO PARA A MÚSICA LATINA

Num reconhecimento aos melhores da música em espanhol e português, um grupo de veteranos da indústria fonográfica, liderados pelos compositores e produtores Desmond Child e Rudy Pérez com apoio das sociedades de autores americanas BMI e Ascap, criou o Latin Songwriters Hall of Fame, ano passado. A nova entidade vai entregar prêmios anuais nos moldes de outros tradicionais, como Grammy Latino e o Billboard Latin Music Awards, e você pode concorrer. Para isso, deve se filiar ao grupo e, assim, tornar-se um membro votante, o que lhe conferirá o direito de inscrever seus trabalhos. Membros não vitalícios devem pagar uma taxa anual de US$ 50, e membros vitalícios, uma taxa única de US$ 1.000. A entrega anual dos prêmios deve ser realizada a cada mês de abril, e os indicados serão conhecidos em novembro. Para mais informações sobre a nova entidade, baseada em Miami, seus programas educacionais (por enquanto disponíveis apenas nos Estados Unidos) e o prêmio, acesse www.latinsonghall.org.

AUTORES PEDEM MAIS TEMPO PARA DISCUTIR PLS 129

Por pressão de parte significativa da comunidade de músicos, compositores e cantores, que querem mais tempo para debater um tema tão importante, foi retirado do regime de urgência do Senado, em dezembro passado, o projeto de lei PLS 129/2012, que, no calor das supostas irregularidades denunciadas por parlamentares da CPI do Ecad, visa a mudar as regras de arrecadação e distribuição dos direitos autorais e interfere no funcionamento do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad). O projeto tramitava em regime de urgência, pedindo fiscalização sobre o Ecad, uma entidade privada sem finalidade de lucro que alguns parlamentares acusam de ter pouca transparência. Associações musicais que formam a Assembleia Geral do Ecad estiveram no Senado, pedindo uma discussão mais profunda antes de uma votação eminentemente política. Depois dessas gestões, segundo a Agência Senado, diversos senadores, a exemplo do vice-líder do governo, Gim Argello (PTB-DF), e de Renan Calheiros (PMDB-AL), anunciaram no plenário a intenção de enviar o projeto a comissões temáticas antes da votação. Efetivamente, em fevereiro, o PLS 129 foi enviado à Comissão de Constituição e Justiça. Outro grupo de artistas também visitou o Senado, mas para pedir a manutenção do regime de urgência. Se o projeto tiver de passar pelas diversas comissões antes de voltar a plenário, não há data prevista para uma eventual votação. Caso aprovado, ele teria de ser ratificado na Câmara dos Deputados antes da sanção pela presidente Dilma Rousseff.

NA TRILHA DO SUCESSO

APESAR DA INTERNET, QUE 'ROUBA' AUDIÊNCIA DA TV, AS MÚSICAS DAS NOVELAS AINDA SÃO AS MAIS TOCADAS NAS RÁDIOS. O QUE A CLASSE C E A REGIONALIZAÇÃO TÊM A VER COM ISSO?

Por Leonardo Lichote, do Rio

A lista das dez músicas mais tocadas no Brasil, liberada pelo Ecad no final de 2012, trazia – entre o romantismo de Adele e a brincadeira meio safadinha de "Lê lê lê" – uma informação importante sobre os mecanismos que movem o que se ouve no país. Seis das dez músicas do ranking, referentes ao primeiro semestre do ano passado, estavam em trilhas sonoras de telenovelas. Num momento em que – pelo avanço das tecnologias de gravação e difusão, pelo crescimento da internet e, particularmente, de veículos como o YouTube e pelo fortalecimento dos fenômenos regionais – assistimos a uma notável descentralização do mercado musical, os folhetins mostram que ainda têm cacife para alavancar canções ao sucesso nacional.

Mais que um contrassenso, a questão revela uma mudança na própria maneira de se fazer trilhas sonoras. Ao longo dos últimos anos, gradativamente, elas foram incorporando a percepção dessa mudança do mercado – os sucessos populares que nascem e ganham corpo longe do eixo Rio-São Paulo, a ascensão da chamada nova classe C, o crescimento da internet, que, ao mesmo tempo em que "rouba" audiência da TV, também é o canal hoje mais popular de difusão dos novos hits televisivos. É o que explica Mariozinho Rocha, diretor musical da Rede Globo e responsável pelas trilhas sonoras da emissora.

"Trabalho com pesquisas, sei o que está acontecendo pelo Brasil. Não pusemos Michel Teló, Naldo e Sorriso Maroto ('Assim Você Mata o Papai', do grupo, presente em 'Avenida Brasil', é o maior sucesso recente das trilhas da Globo) nas novelas à toa. Recebo as listas das mais tocadas em cada região do Brasil, elas me mostram tendências. Se vejo ali, de forma insistente, um nome de que nunca tinha ouvido falar antes, presto atenção. Quem são esses Munhoz & Mariano? Que música é essa, 'Camaro Amarelo'? Isso tem que entrar numa novela. Se não essa canção, outra deles. Mas não ficamos presos nessa objetividade burra, se não estaremos sempre a reboque. Pinçamos coisas que não são óbvias, lançamos outras. Uma das mais executadas de 'Salve Jorge' é 'Me Deixas Louca', com Maria Rita, que não tocava antes. E lançamos na novela 'Esse Cara Sou Eu', que fez um sucesso que Roberto Carlos não experimentava há muito tempo. Mas o artista não precisa nem ser conhecido para estar numa trilha. Isso aconteceu inúmeras vezes, com nomes em início de carreira como Céu, Jorge Vercillo e Vanessa Rangel (cantora que fez enorme sucesso com 'Palpite', da novela 'Por Amor', entre 1997 e 1998)."

O critério central para a escolha da trilha, explica Mariozinho, é "vestir bem o personagem". "Ouvi reclamações de que o tema de Suélen (de 'Avenida Brasil') é brega. Mas ela é uma periguete! Queriam o quê? Villa-Lobos?"

Quando a canção ideal não é encontrada entre os sucessos e as revelações que chegam às mãos de Mariozinho – que define as trilhas da Globo junto com os autores e os diretores das novelas –, eles podem encomendá-la diretamente aos criadores. Na década de 1970, um único compositor ou dupla chegava a assinar todas as canções de uma novela (como fizeram Raul Seixas & Paulo Coelho, Roberto & Erasmo Carlos e Marcos Valle & Paulo Sérgio Valle). Hoje, o que se faz é pedir uma música. O autor recebe um resumo do personagem, seu papel na trama, às vezes o nome do ator ou da atriz que o interpretará e mesmo sugestões de palavras que podem estar contidas nos versos. Foi assim com "Vida de Empreguete", pedida a Quito Ribeiro para a trilha de "Cheias de Charme".

"Hermano Vianna, que trabalhou como consultor na novela, me conhecia e achou que eu era a pessoa ideal para fazer aquela canção. Ela representava uma virada na vida das personagens, que se tornariam estrelas, e eu tinha que falar um pouco do perfil das três, usar informações da trama que me passaram, porque a novela nem estava no ar. E pediram para eu usar a expressão vida de empreguete", diz o compositor, referindo-se à canção trabalhada massivamente pela internet, onde, hoje em dia, comentários nas redes sociais, memes (paródias) e visualizações contadas aos milhões são o novo e poderoso termômetro de sucesso de qualquer obra artística. Prova disso é o fenômeno "Esse Cara Sou Eu", citado por Mariozinho, que, por meio de sites de vídeos e citações rede afora, chegou a um público mais jovem, não afim à obra do "Rei".

Lançada com vinculação direta à novela, "Vida de Empreguete" pode não servir como parâmetro para entender como a exposição na TV eventualmente muda o rumo de uma canção. Mas Quito tem outra música, "Mais Alguém", parceria com Moreno Veloso feita para a cantora Roberta Sá, que exemplifica o que a presença numa trilha sonora de novela proporciona a uma música. Pelos números da UBC, a canção foi pouco executada em 2007, quando lançada. Ao entrar na trilha de "Negócio da China", em 2008, aumentou em 700 vezes sua arrecadação. E, bisada na novela "Viver a Vida", cresceu ainda três vezes mais.

"A novela representa muito para o compositor, porque você ganha em todos os lados", avalia Quito. "Cada vez que ela é tocada na TV, você ganha pela TV. Mas não

"Ouvi reclamações de que o tema de Suélen (de 'Avenida Brasil') é brega. Mas ela é uma periguete! Queriam o quê? Villa-Lobos?"

Mariozinho Rocha,
diretor musical da Rede Globo

só, porque isso motiva também a execução no rádio, as pessoas querem ouvir. E os artistas, como a canção é um sucesso, a levam para o repertório do show."

Os dados da UBC confirmam. Mesmo músicas que já faziam bastante sucesso antes de integrar uma trilha são beneficiadas. É o caso de "Você Não Vale Nada", interpretado pelo grupo Calcinha Preta, que aumentou seu rendimento em quatro vezes quando entrou em "Caminho das Índias". Outras músicas têm participação discreta até começar a tocar na novela e disparar. "Eu Sei", do Papas da Língua, pegou uma fatia 40 vezes maior com "Páginas da Vida". O rendimento de "Amado", parceria de Vanessa da Mata com Marcelo Jeneci gravada pela cantora, cresceu 300 vezes durante a exibição de "A Favorita". "Ela é minha cara", canção de Celso Fonseca e Ronaldo Bastos na voz de Mart'nália, teve um crescimento de 19 vezes após "Insensato Coração".

"Eu já tive onze músicas em novela, seis de minha autoria", conta Celso. "Algumas entraram por sugestão do próprio autor, outras, pelas mãos do diretor. Apenas uma foi encomendada. A minha sugestão para os compositores é que, sempre que puderem, mandem direto para os autores ou para o diretor."

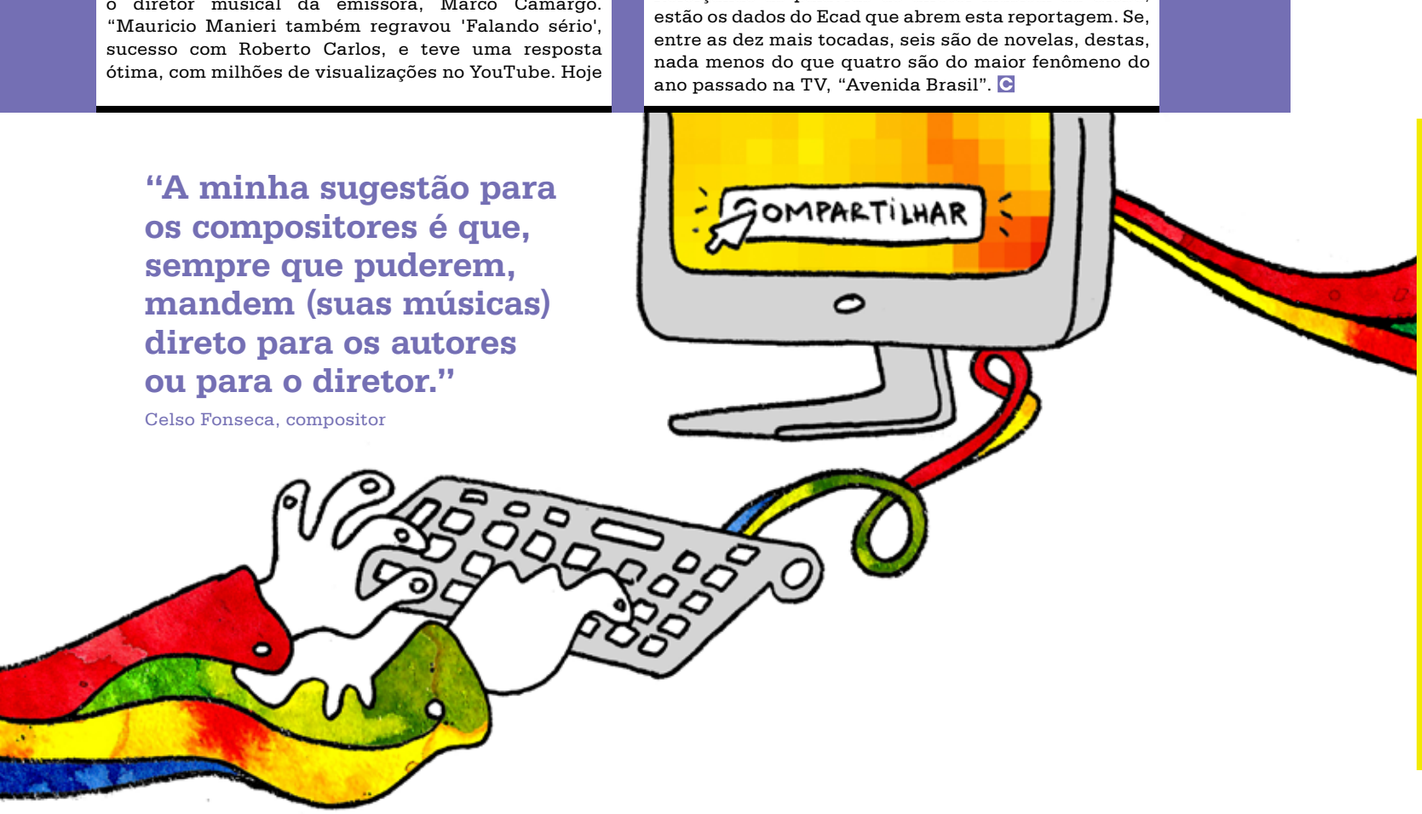
Na Record, a escolha também é feita em conjunto entre os responsáveis pela novela e pelo departamento musical. Nas reuniões, são avaliadas sugestões para os personagens e o tema de abertura, levando em conta canções já gravadas, temas originais ou mesmo regravações encomendadas. "Para a novela 'Máscaras', pedimos a Fagner uma regravação de 'Porto Solidão' (lançada por Jessé no início dos anos 1980)", conta o diretor musical da emissora, Marco Camargo. "Mauricio Manieri também regravou 'Falando sério', sucesso com Roberto Carlos, e teve uma resposta ótima, com milhões de visualizações no YouTube. Hoje ela não pode faltar no show dele."

Um dos compositores de "Varinha de Condão", da bem-sucedida trilha da novela infantil do SBT "Carrossel" (que já vendeu 600 mil unidades, entre CDs e DVDS), Frankye Arduini pensa as novelas como um dos principais alvos de sua produção. "O fundamental, hoje, para o compositor ver sua música tocar, mais que vender discos. Procuro manter músicas nas novelas, pois elas garantem essa boa execução, um faturamento mais longevo. Já me pediram, e entreguei, uma para a nova versão de 'Chiquititas' (do SBT). E ofereci meu trabalho também para um amigo da Record, que vai produzir uma novela em breve. Como em todo lugar, é importante para o compositor que quer entrar nesse mercado montar uma rede de contatos."

A relação entre o sucesso de uma novela e o de sua trilha sonora parece direta, mas não é tão simples, como destaca Arnaldo Saccomani, diretor musical do SBT, responsável por definir quais canções serão ouvidas em cada novela. "Novelas de 50 pontos de audiência não obtiveram nem a metade da venda de CDs que 'Carrossel' obteve com média de 15 pontos até agora", afirma Saccomani, que explica o poder das novelas sobre as paradas de sucesso. "É óbvio que a execução quase diária expõe a música a milhões de brasileiros todos os dias. Isso favorece a que o povo conheça a canção. Porém, se ela não for boa, de nada adianta."

Abrindo outro lado da questão, Mariozinho Rocha é categórico. "Nunca vi trilha de sucesso em novela fracassada. A trilha vai a reboque do sucesso da novela."

Reforçando as palavras do diretor musical da Globo, estão os dados do Ecad que abrem esta reportagem. Se, entre as dez mais tocadas, seis são de novelas, destas, nada menos do que quatro são do maior fenômeno do ano passado na TV, "Avenida Brasil".



"A minha sugestão para os compositores é que, sempre que puderem, mandem (suas músicas) direto para os autores ou para o diretor."

Celso Fonseca, compositor

ACOMPANHE O PAGAMENTO DE DIREITOS AUTORAIS DOS PRINCIPAIS CANAIS DA TV ABERTA:

BAND
Em 2009, os autores venceram no STJ uma ação contra a emissora paulista, que não efetuava pagamentos de direitos autorais desde 1999. Em abril de 2011, valores referentes às obras executadas na rede voltaram a ser pagos.

CNT
A emissora curitibana interrompeu o pagamento de direitos autorais em novembro do ano passado. Uma ação judicial já foi proposta pelo Ecad.

GLOBO
A emissora carioca vem questionando desde 2005 os valores referentes aos direitos autorais que devem ser pagos aos autores e deposita judicialmente valores abaixo do preço cobrado pelo Ecad. Os valores depositados são levantados pelo escritório central e distribuídos aos titulares. A expectativa é que o julgamento no STJ ocorra ainda este ano.

RECORD
A emissora com sede em São Paulo recolhe os direitos autorais regularmente.

REDETV!
A emissora paulista também sofre ação judicial, mas deixou, injustificadamente, de efetuar os depósitos em juízo.

SBT
O canal do empresário Silvio Santos baseado em São Paulo também vem discutindo judicialmente os valores cobrados desde 2006, mas efetua depósitos judiciais dentro dos critérios do Regulamento de Arrecadação. Os valores dos depósitos judiciais são levantados e distribuídos para os titulares.

ARMANDO PITTIGLIANI,

BAÚ DE HISTÓRIAS

UM PAPO COM O PRODUTOR QUE REVELOU CRAQUES DO NAIPE DE ELIS REGINA, SERGIO MENDES E JORGE BEN JOR E QUE, AINDA NA ATIVA, SONHA EM CRIAR UM MUSEU PARA A BOSSA NOVA

Por Lauro Barbosa, do Rio
Fotos de Marco Antonio Cavalcanti

Na casa de Armando Pittgliani, na Zona Sul do Rio de Janeiro, o buldogue francês Shazam late. Parece agitado com a presença do repórter. O dono dele, Pitti, como é conhecido um dos maiores produtores da história da música brasileira, começa a falar. Baixo, com calma e autoridade. O cão vai se acalmando. E o repórter, deslumbrando-se com as histórias que envolvem nomes do naipe de Elis Regina, Sergio Mendes, Jorge Ben Jor, talentos cuja descoberta se atribui a Pitti, um homem que respira música, vive-a constantemente, pesquisando sem parar. De repente, começa a tocar o novo CD de Márcio Local, cantor de samba-rock da nova geração cuja estreia é obra de Pitti. Mais um de uma coleção de cerca de 60 artistas e 100 álbuns produzidos pelo militante fonográfico e peladeiro, como assina em seu currículo, ao longo de 78 anos de vida e 58 de carreira. Enquanto o papo e a música enchem o ambiente, Shazam não voltará a latir.

Grande parte das histórias que ele colheu – e protagonizou – em tantas décadas estão detalhadas em mais de 500 páginas já escritas para o livro "Você ainda não ouviu nada: da Sinter à Polygram, os anos dourados no disco do Brasil". Nem metade da obra está pronta. Mas já é material de primeira linha, que destrincha os bastidores do seu trabalho, desde o começo, em 1955, como assistente de departamento de imprensa da etiqueta Sinter, até sua saída da Polygram, em 1993.

– Em 55, meu pai comprou uma gravadora e me mandou à fábrica para tomar conta do estoque de vinil. Em 61, quando eu era programador do departamento internacional, o Aloisio Oliveira, que era o diretor artístico, abriu uma gaveta do estúdio e viu uma barata enorme. Foi embora e não voltou nunca mais – relembra Pitti, aos risos. – Nessa altura, não tinha ninguém para fazer disco. Meu tio queria arrumar um produtor rápido. Falei "deixa comigo". Em 15 dias, fiz três LPs que foram sucesso.

Depois disso, não parou mais. Veio a bossa nova, e Pitti produziu e gravou metade dos discos do estilo musical que é a sua menina dos olhos até hoje. Um de seus grandes sonhos é construir um centro cultural, com museu, lojas e casas de shows, destinado à preservação do gênero que, por décadas, foi sinônimo de música brasileira fora das nossas fronteiras. Pode ser no mítico Beco das Garrafas, em Copacabana, onde ele pariu espetáculos de Marcos Valle e Luiz Henrique; na recém-inaugurada Cidade das Artes, projeto faraônico e polêmico assinado pelo francês Christian de Portzamparc na Barra da Tijuca; na Zona Portuária carioca ou no Parque Madureira, Zona Norte da cidade, onde articula um projeto com a prefeitura.

– Meu sonho de consumo era fazer o museu no (prédio onde funcionou o) Cassino da Urca. Acabei de voltar do Grammy Latino em Las Vegas, e em qualquer lugar toca bossa nova. Todo músico quer vir para cá conhecer a bossa de perto. Tinha que ser explorada como forma de turismo. Na Argentina há a semana do tango, e a prefeitura banca tudo. Todas as casas têm música ao vivo, e nenhuma paga imposto para incentivar os músicos – compara Pitti, que destaca a paradoxal pouca atenção que se dá ao negócio musical num país que se orgulha de contar com uma infinidade de ritmos e sonoridades. – Vejam o exemplo do Ecad, que tem sido atacado. Agora querem acabar com a única coisa que ainda funciona muito bem para os compositores. O Ecad é controlável e fácil de fazer auditoria. Tudo o que entra vai ser distribuído.

Enquanto sonha com um panorama mais estimulante, neste período tão difícil para o futuro do cenário musical, Pitti prepara o lançamento de um disco de poesia em homenagem ao centenário de Vinicius de Moraes, comemorado este ano. Gravado em 2000, com direção do jornalista Pedro Bial, o álbum terá os melhores poemas do Poetinha declamados na voz de atores como Antonio Fagundes e Matheus Nachtergaele. A música é de Baden Powell, em sua última gravação em estúdio antes de morrer, no mesmo ano 2000. Powell, aliás, também engrossa a lista dos bambas que Pitti produziu e que inclui também Carlos Lyra, Nara Leão, Os Cariocas, Tamba Trio, Jackson do Pandeiro, Ataulfo Alves...

Entre tantos craques, o santista peladeiro só se arrepende de não ter conseguido produzir dois artistas: Lenny Andrade e João Gilberto. Em 1990, chegou a trabalhar no marketing de um dos discos do mito da bossa nova, quando chefiava o departamento criativo da Polygram. Ele guarda na lembrança uma das histórias do folclórico personagem que vão para o seu livro:

– Nosso estúdio era na Barra, e o João Gilberto perguntou se a companhia pagava o táxi. Daqui a pouco, chega um táxi e, atrás, o carro do João, que não sabia o caminho. O GPS dele era o táxi. Ele tinha um Monza novinho, abriu a mala, tirou quatro toquinhos de madeira e colocou debaixo das rodas. Perguntei por que ele tinha feito aquilo, e ele disse que o freio de mão não estava pegando bem. Falei para ele engrenar a primeira. Ele perguntou se o carro ficava paradinho e me disse "como ninguém me falou isso antes?"

Para lidar com artistas excêntricos, o produtor misturava criatividade e jogo de cintura. Foi assim, também, que driblou a censura da ditadura no Phono 73, espetáculo que reuniu os maiores nomes da Phonogram durante quatro dias em São Paulo e ganhou uma página de anúncio na revista americana "Billboard". Com a mesma habilidade, foi pioneiro na produção de um videoclipe para uma gravadora brasileira, estrelando Maria Bethânia. E soube controlar egos quando preciso:

– Certa vez, fomos lançar um compacto promocional: de um lado, Gal Costa; de outro, Maria Bethânia. Perguntaram a mim quem deveríamos colocar no lado A. Falei para colocar a Bethânia no lado A, e a Gal no lado 1. Assim, as duas ficaram em primeiro.

Com a simplicidade de um gênio, Pitti comenta que nunca fizeram a ele a pergunta mais óbvia: o que faz, afinal, um produtor?

– Produtor tem que ser que nem sorveteria e reunir várias qualidades. Não chega a ser um diretor de cinema, mas (deve ser) uma ligação entre o artista e o público, saber qual mercado (o cantor) pretende atingir e o que é preciso para isso. Não precisa entender de música para caramba.

E disso certamente ele entende...

JOVENS CLÁSSICOS

Samuel Dias

Adalberto Vital

A MÚSICA ERUDITA VIVE UMA RENOVAÇÃO NO PAÍS, GRAÇAS A PROJETOS SOCIAIS, À VOLTA DO ENSINO MUSICAL ÀS ESCOLAS E AO TRABALHO DAS ORQUESTRAS

Por Leonardo Faria, do Rio

O clássico é pop. Com a proliferação de projetos de estímulo à música de concerto pipocando em todo o país, e com o acesso das novas gerações a obras eruditas que o ensino musical nas escolas e a própria internet proporcionaram, especialistas cravam: vivemos um momento particularmente feliz de renovação na área. Em um movimento acelerado pelas orquestras jovens e por projetos sociais que levam a música clássica a comunidades carentes das grandes cidades, é possível encontrar casos como o de Samuel Dias, de 21 anos. Há dois anos atrás, o rapaz assumiu nada menos do que o posto de spalla (o primeiro violino) da Orquestra Sinfônica do Estado da Bahia (OSBA), atendendo a um convite do então diretor artístico, Ricardo Castro.

Quando tinha 8 anos, Samuel ganhou seu primeiro violino. Filho de um trompetista e irmão de um violinista – hoje membro da prestigiosa Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) –, o menino parecia ter a música como um caminho quase natural. Mas não foi bem assim. No início, como milhões de garotos brasileiros, sonhava em ser jogador de futebol. Na medida em que viu o irmão ascender na carreira, o seu interesse cresceu junto. E sua trajetória exemplifica a importância da multiplicação de conjuntos que investem num trabalho de base.

Samuel tocou com a Orquestra Sinfônica da USP, a Orquestra Jovem de Guarulhos e Orquestra Sinfônica de Santo André, até chegar à Academia de Música da Osesp. Do centro de formação do principal grupo brasileiro, o violinista assumiu o cargo de spalla na Bahia.

"Já participei de diversos concursos para jovens músicos no Brasil e na Europa. Essa é uma grande oportunidade de travar contato com lendas vivas e aprender muito. Acredito que as portas estão abertas para os jovens músicos. Hoje, temos muitas orquestras jovens, projetos sociais que dão a oportunidade a quem não tem condições de comprar um instrumento musical ou pagar aulas, sem falar em muitos conservatórios e academias profissionalizantes. Há uma grande porta aberta para quem estiver interessado em aprender e se profissionalizar nessa área tão rica culturalmente e tão prazerosa aos ouvidos", discorre o jovem violinista.

Um exemplo da importância dos projetos sociais na identificação e na formação de talentos é Adalberto Vital, de 23 anos. Colega de Samuel na OSBA, ele foi aluno do projeto Neojibá, comandado pelo maestro Ricardo Castro, e fez graduação em Música na Universidade Federal da Bahia (UFBA). O Neojibá visa a promover a integração social através da formação de núcleos de orquestras infantis e juvenis.

"Acredito que as portas estão abertas (...) para quem estiver interessado em aprender e se profissionalizar nessa área tão rica culturalmente e tão prazerosa aos ouvidos" Samuel Dias

A inspiração é no projeto venezuelano FESNOJIV, atual FMSB (Fundación Musical Simón Bolívar), criado em 1975 pelo economista José Antonio Abreu e que tornou o país um dos maiores celeiros de músicos da América Latina. Foi de lá que saiu o maestro Gustavo Dudamel, que, com apenas 32 anos, já ocupa o cargo de diretor da Filarmônica de Los Angeles e rege, como convidado, algumas das principais orquestras do mundo.

O caminho de Adalberto para alcançar a consagração de Dudamel ainda é longo. Mas o rapaz dá passos consistentes. Depois de um ano na OSBA, ele ganhou uma bolsa de estudos do governo suíço e partiu para Genebra, onde tem aulas na Haute École de Musique (HEM). A oportunidade já lhe garantiu até a chance de debutar no Victoria Hall, na cidade, uma das principais casas de espetáculo da Europa. Modesto, o baiano brinca que "todo aluno da HEM toca lá", mas admite que a experiência é única.

"Sair de Salvador e vir para a Suíça, ter toda essa experiência... É incrível! As aulas, os professores, os concertos. É um crescimento profissional fantástico", afirma Adalberto.

Outro projeto que já atingiu consagração internacional é da Orquestra Sinfônica de Heliópolis, uma iniciativa do maestro Silvio Baccarelli. Criada em 1996, com 36 alunos da maior favela paulistana, hoje é uma referência no país na formação de jovens músicos e se apresenta nos principais palcos de São Paulo. O patrono e regente vitalício da sinfônica é o top maestro indiano Zubin Mehta, e o regente titular é Isaac Karabtchevsky, da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB). A sede do grupo continua na comunidade, mas suas audições são disputadas por pessoas do Brasil inteiro, o que demonstra sua força.

O crescimento do número de novos músicos é confirmado por observadores da cena da música clássica nacional, que também fazem suas restrições no que concerne ao investimento irregular na formação de profissionais. André Cardoso, maestro e diretor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diz que houve um aumento significativo do acesso ao gênero, embora ainda estejamos longe do ideal.

"As pessoas gostam daquilo que conhecem. Sem acesso, não poderão dizer que gostam. Há uma quantidade maior de gente tendo acesso à música clássica. Isso aumenta o interesse, porque é um gênero que faz as pessoas terem vontade de estudar mais para conhecê-lo melhor. A razão do acesso maior se dá pelos projetos sociais voltados para a música e o retorno do ensino musical às escolas. Mas ainda estamos longe do ideal", argumenta ele, que exalta o papel das orquestras jovens. "Uma das coisas mais legais da música é quando você consegue tocar com outras pessoas. A orquestra jovem é a oportunidade de o músico novo encontrar e outros jovens que gostam das mesmas coisas que ele."

A jornalista Heloisa Fischer, fundadora e diretora-geral da revista "Viva Música!" e uma das mais credenciadas observadoras do mercado de música erudita no país, acredita que o Brasil ainda precisa investir na criação de outros formatos de grupos, como o de música de câmara, e também em novos espaços para apresentações. Atualmente, ela diz, a ênfase maior é na música de concerto.

"No exterior, isso está muito mais avançado, com diferentes formas de apresentação da música clássica e também de conjuntos" afirma Heloisa.

Já a OSB Jovem, uma das maiores referências na renovação da música clássica no país, passa por uma grande reformulação. O único ponto definido para 2013 é que serão oferecidas vagas de estágio a alunos de música de níveis técnico e superior, em parceria com o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola). As audições para a escolha de novos alunos deverão ocorrer ainda neste mês de março. O calendário de apresentações da orquestra, no entanto, permanece indefinido.

UM FILHO DE JACINTO

VENCEDOR DO PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA NAS CATEGORIAS MELHOR DISCO E MELHOR CANTOR, O PERNAMBUCANO HERBERT LUCENA, QUE JÁ APOSTOU NO ROCK, PROJETA-SE EM TODO O PAÍS AO SE VOLTAR PARA SUAS RAÍZES REGIONAIS

Por Bruno Albertim, do Recife

Herbert Lucena militou numa das bandas mais clássicas da velha guarda do rock no Recife, a Má Companhia, que acompanhava o inigualável Lula Côrtes, morto há mais de dois anos e eterno rei da contracultura na manguetown. Recifense, mas criado em Caruaru, artéria elétrica do Agreste pernambucano, Herbert, inevitavelmente e por osmose, assimilou o extrato matricial da música popular nordestina. "Nas festas de São João, a gente ia para dançar, paquerar as meninas... Assim, vi mais de 25 shows de Luiz Gonzaga. Vi o último show de Jackson do Pandeiro", lembra.

Ele, contudo, seguia sua pacata vida entre o pop e o rock até que se deparou, de maneira mais vertical, com a obra do embolador de cocos Jacinto Silva. "Quando conheci, de verdade, a obra de Jacinto, pensei: 'É isso que eu quero fazer na minha vida'". (Re)convertido ao coco e a outros ritmos tradicionais nordestinos, Herbert Lucena é hoje, aos 48 anos, a maior revelação da música regional brasileira.

Com seu segundo álbum, "Não me peçam jamais que eu dê de graça tudo aquilo que eu tenho pra vender", ganhou três categorias da última edição do Prêmio da Música Brasileira: melhor disco, melhor cantor regional e melhor design.

Nesta entrevista, ele fala da influência do mestre cantador José Vicente da Paraíba em sua vida e de como, ao final, os prêmios pouco mudaram sua rotina. Como sugere o título de seu disco, ele ainda precisa seguir lutando pelo respeito profissional e financeiro de que muitos músicos carecem.

UBC – Como produtor e músico, você se relaciona com gente de lugares distintos. Já compôs pela internet?
HERBERT LUCENA: Não uso Skype de jeito nenhum. Não sou muito tecnológico, é uma coisa da minha geração. O máximo que fiz foi mandar o áudio para alguém. Um áudio simples, mesmo. Mas não sou contra a disponibilização de faixas para dowload na internet.

Essa afirmação não parece um contrassenso com o título do seu próprio disco, que remete ao respeito profisisonal e financeiro que compositores e artistas, no geral, brigam para ter, notadamente na era digital?
A internet funciona muito mais com uma ferramenta de divulgação. Hoje, dificilmente alguém compra um disco sem conhecer nada dele. Então, o cara vai lá, baixa uma ou duas músicas e, depois, se anima a comprar o disco. Já tive casos de gente que comprou downloads meus. E, depois, o disco inteiro.

Há quem diga que o CD precisa ter um grande investimento em design, já que o suporte da música da era digital acarretou uma perda de materialidade do álbum, por assim dizer. O seu primeiro ganhou, entre outros, o prêmio de melhor design da música brasiliera. Acredita que o disco, em si, deve ser um fetiche?
Eu fiz todas as letras e músicas antes e mandei para Evandro Borel, o designer, que captou exatamente o que eu estava imaginando. Sou um grande colecionador de vinis, gosto do suporte. Lancei o disco em CD e uma versão em vinil. Com o título, remeto diretamente ao trabalho do artista, ao respeito do mercado. Procuramos um letrista que escreve, à mão, os preços de mercadorias nas tabuletas. Colocamos o tempo de cada música numa tipografia que lembra os preços de produtos. Quem compra um disco quer levar algo realmente bonito para casa. O encarte é pontuado com fotos de vários artistas, de diversas áreas (no final, todos são apresentados num grande expediente ilustrado).

Cacilda Becker tem uma frase antológica relacionada ao nome do seu disco. Como surgiu o título?
Eu morava em Caruaru ainda e vi um programa de entrevistas na TV com a Cacilda. Ela contou aquela frase célebre: "Não me peçam para dar a única coisa que eu tenho para vender". Mostrei a José Vicente da Paraíba, e ele disse que a frase era um mote maravilhoso. Me mandou metrificar. Além de metrificar como um decassílabo, mudei ligeiramente a frase para torná-la mais coerente com o que eu queria dizer. Já trabalhei muito na noite e conheço o desrespeito das casas pelos músicos. Nós tocávamos, fazíamos casas que nem eram conhecidas encher de gente de uma hora para outra, e eles não queriam pagar nem o couvert. Com os direitos autorias é a mesma coisa. Nenhuma rádio de Caruaru quer pagar direitos autorais. Tenho uma música, "Balança Bueiro", que foi gravada pelo forrozeiro Acisão em 2006. Sempre é uma das mais tocadas no período junino, e eu nunca recebi um único tostão de direito autoral. O que falta aqui é apoio da mídia. Não digo os jornais, a crítica, que são muito receptivos, mas as TVs e rádios só tocam umas músicas na hora em que a gente está dando uma entrevista.

Ter saído tão consagrado do Prêmio da Música Brasileira mudou sua vida?
Aumentou muito a curiosidade pelo meu trabalho... Mas, infelizmente, pelo menos no Recife, não aumentaram as contratações. Não toquei, por exemplo, em nenhum dos shows oficiais em homenagem ao centenário de Gonzagão. O interesse é sempre mais de fora. Tenho uma série de shows para o Rio e São Paulo.

Você foi um típico adolescente que cresceu ouvindo rock 'n' roll, fez parte de Má Companhia, uma das bandas mais clássicas da velha guarda do rock no Recife e, de repente, se vê consagrado como revelação na música regional. Como o coco e outros ritmos afins guinaram sua vida?
Minha turma se encontrava na esquina, tocava violão... (Tocava) Creendence, Beatles, que até hoje considero uma grande escola de qualquer músico. Montei uma banda com Junio Barreto, fui para o primeiro Rock in Rio. Mas sou de uma época em que o São João de Caruaru não era essa coisa gigantesca de hoje. Era nas ruas, nas palhoças, em palquinhos. Eu vi uns 25 shows de Luiz Gonzaga em toda a minha vida. Nós íamos para dançar, paquerar as meninas. Vi o último show de Jackson do Pandeiro, que, aliás, não foi o maior cantor de coco do Brasil. O maior foi Jacinto Silva. Jackson foi, isso sim, o maior cantor do Brasil, cantou tudo que havia no país. Mas, quando eu ouvi Jacinto, pensei "é isso o que quero fazer!" Não me considero nenhum grande cantor ou compositor. Tudo o que faço é atrás do trabalho dele. Em 2004, lancei meu primeiro disco, "Na Pisada Desse Coco".

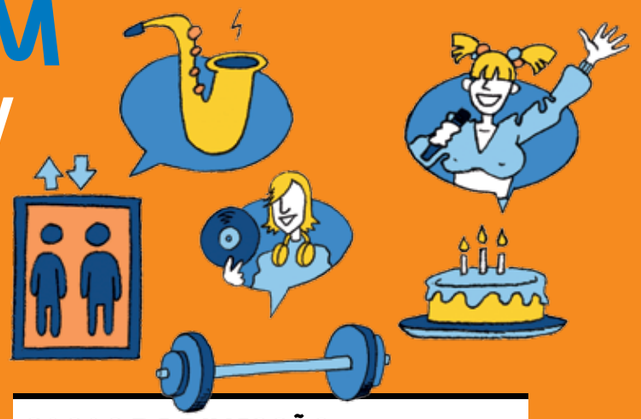
Ou seja, o lugar de onde viemos é sempre um vaticínio?
Sim, muito. Desde o meu primeiro disco, tenho sempre a companhia de uma banda de pífanos. Conheço todas as bandas, todos os mestres.

E José Vicente de Paraíba? Foi seu grande mestre, sim?
Ele foi o maior poeta que eu conheci. Nos conhecemos quando eu ainda morava em Caruaru. Meus amigos se encontravam num bar do Pátio da Feira. Ele vivia por ali, mostrava as músicas, os poemas dele. Ele me chamou para gravar "Natureza" no disco dele, uma música sua que já foi gravada por gente como Zé Ramalho, Marília Pêra.... Me disse que ia gravar o disco no estúdio de uma rádio em Altinho, algo bem precário. Ele me perguntou se eu não queria produzir o disco dele, é um disco revolucionário de viola. Fomos, então, para um bom estúdio. Em 1955, ele havia sido o primeiro violeiro a gravar um disco. A primeira viola dele foi uma lata de doce com cordas de rabo de cavalo. Cinquenta anos depois, gravou o disco com canções novas e antigas, um disco com mais de 50 participações, teve até rap.

Por que a mistura de instrumentos populares e eruditos no seu disco?
Sempre gostei muito do rock progressivo inglês. O próprio Jacinto Silva usava instrumentos tradicionais. As mazurcas nordestinas, que eram feitas nos antigos engenhos, tinham instrumentos como cravo, violino... O que faço, sempre, é manter a parte rítmica das bandas de pífano, os tempos, os intervalos... Depois, vou criando o que eu quero.

Com incursões tão recentes na música que você faz hoje, esperava, sinceramente, ser contemplado com o Prêmio da Música Brasileira?
Eu mandei o disco achando que ele não ia ser aceito em nenhuma categoria. Quero dizer, achava que ele podia ganhar um prêmio de design. Recebi um telefonema do José Maurício Machline (criador do prêmio). Quando ele me disse que meu disco havia sido indicado, eu quase caí para trás. Quando anunciaram que era o melhor disco, saí correndo, doido. Nem ouvi quando disseram que eu tinha ganhado também o prêmio de melhor cantor. Não entendi nada quando me deram dois prêmios (risos).

MUITO ALÉM
DO RÁDIO E DA TV



ECAD CRIA NOVAS CATEGORIAS DE DISTRIBUIÇÃO, COMO CASAS DE FESTAS E CASAS DE DIVERSÃO, PARA TORNAR MAIS JUSTA A ARRECADAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS

Emissoras de rádio e TV, promotores de shows e produtores de cinema, teatro e circo estão entre os principais usuários de músicas e, portanto, pagadores de direitos autorais. Mas não estão, de modo algum, sós. Os chamados usuários gerais, ou seja, academias de ginástica, hotéis, restaurantes, lojas e outros estabelecimentos que executam obras musicais publicamente, alcançaram nada menos que 30% do total arrecadado pelo Ecad no ano de 2011.

Antigamente, toda a verba arrecadada desses usuários era distribuída com base na distribuição de rádio e TV, mas, ao longo dos anos, o escritório central aprimorou o sistema, de modo a torná-lo mais justo. Assim, surgiram três novas categorias de distribuição: a dos direitos gerais, que contempla usuários como shopping centers, lojas comerciais, transportes coletivos e outros; a das casas de festas, surgida em janeiro de 2010; e a de casas de diversão (boates e bares, por exemplo), aplicada desde agosto de 2012.

A distribuição das três rubricas é trimestral e obedece ao seguinte calendário: em janeiro, distribuem-se os valores de julho a setembro do ano anterior; em abril é a vez das execuções de outubro a dezembro do ano anterior; em junho, contempla-se o período de janeiro a março do mesmo ano; e, em outubro, abril a junho do mesmo ano.

A seguir, saiba um pouco mais sobre cada uma das três categorias.

CASAS DE FESTAS

Neste segmento são distribuídos os valores arrecadados de usuários de música que promovem (ou alugam espaço para a promoção de) festas, tais como de casamento, aniversário, formatura, bar mitzvá, aniversário de bodas e diversos outros gêneros.

Nessas festas normalmente são utilizadas muitas músicas infantis e músicas dos anos 1960, 1970 e 1980. Para contemplá-las, os valores são distribuídos com base em uma amostra específica proveniente exclusivamente dos usuários desse segmento. Tal amostragem é feita por meio de gravação em estabelecimentos adimplentes com o pagamento de direitos autorais. Entre as músicas mais executadas em casas e eventos dessa natureza, podemos citar:

“Parabéns a Você”
Patty Hill / Mildred Hill / v. Lea Magalhaes

“Parabéns da Xuxa”
Michael Sullivan / Paulo Massadas / Mihail Plopschi

“Liga da Justiça”
Mily / J. Teles / Marcio Santos

“I Will Survive”
Dino Fekaris / Frederik Perren

CASAS DE DIVERSÃO

Este novo segmento se caracteriza pela distribuição de valores arrecadados exclusivamente de estabelecimentos como academias de ginástica, restaurantes com música mecânica, bares e boates.

Para a distribuição dos valores é realizada uma amostragem composta por 25 mil execuções captadas por gravação em casas do gênero, aumentando, assim, a precisão do processo.

Em função da natureza pouco específica das músicas tocadas em casas de diversão, é preciso fazer uma constante atualização da verificação. Para se ter uma ideia, em janeiro passado, quando houve a primeira distribuição dessa rubrica, as obras mais executadas no país foram:

“Titanium”
D. Guetta / G. Tuinfort / N. Van de Wall / S. Furler

“Somebody That I Used To Know”
W. Backer / L. Bonfa

“We Found Love”
C. Harris

“Where Have You Been”
C. Harris / A. McElhinney / E.Dean / H. Walter

DIREITOS GERAIS

A rubrica de direitos gerais é o segmento da distribuição que se refere aos valores arrecadados de estabelecimentos classificados como usuários gerais que não se enquadram em nenhuma rubrica, por exemplo: lojas comerciais, shoppings, transportes coletivos e outros. A distribuição desses valores, a partir de fevereiro de 2011, passou a ser vinculada à das rubricas de TV aberta e rádio, de forma regionalizada, uma vez que é comum o som ambiente desses lugares vir de emissoras de rádio e TV. De todos os valores arrecadados desses estabelecimentos numa determinada região, 95% são distribuídos seguindo a distribuição de rádio. Os 5% restantes, da TV aberta, levando-se em consideração o percentual de participação que cada emissora tem na verba total arrecadada.

A nomenclatura das rubricas de rádio e TV, desta forma, teve modificações em cada região. Veja abaixo alguns exemplos de como você verá a identificação do pagamento de direitos gerais no seu demonstrativo:

RÁDIOS SUL + DIREITOS GERAIS
RÁDIOS NORDESTE + DIREITOS GERAIS
TV RECORD NEWS + DIREITOS GERAIS
TV GLOBO + DIREITOS GERAIS

PORTAL DO ASSOCIADO

Em portal.ubc.org.br, de qualquer lugar você pode:

- consultar obras
- consultar fonogramas
- conhecer seus créditos retidos
- alterar dados cadastrais
- obter demonstrativos de pagamento*
- obter recibos de pagamento*

Para pedir seu login, envie um e-mail a atendimento@ubc.org.br e conecte-se ainda mais à UBC!

* Para ter acesso às informações financeiras, você deve mencioná-lo explicitamente no pedido. Uma vez que o titular passe a receber os extratos pelo portal, já não terá os demonstrativos em papel.

UBC
União Brasileira de Compositores

FAÇA PARTE DO DESENVOLVIMENTO DO DIREITO AUTORAL NO PAÍS

A UBC REALIZA, MAIS UMA VEZ, SEU CONCURSO NACIONAL DE MONOGRAFIAS.
PODEM PARTICIPAR UNIVERSITÁRIOS, PESQUISADORES, PROFESSORES E PROFISSIONAIS COM DIPLOMA DE GRADUAÇÃO.

PRÊMIOS PARA OS TRÊS MELHORES TRABALHOS
INSCRIÇÕES ATÉ 5 DE AGOSTO DE 2013

LEIA O REGULAMENTO COMPLETO NO SITE UBC.ORG.BR/CONCURSO2013 E BOA SORTE!

INFORMAÇÕES:
Departamento de Comunicação
(21) 2223-3233
comunicacao@ubc.org.br

UBC
União Brasileira de Compositores

PUBL!T SOLUÇÕES EDITORIAIS